



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

IRIS FARIAS MEDEIROS

**O PROCESSO DE SUBALTERNIZAÇÃO DAS PERSONAGENS EM CAPITÃES DA
AREIA, DE JORGE AMADO**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2021

IRIS FARIAS MEDEIROS

**O PROCESSO DE SUBALTERNIZAÇÃO DAS PERSONAGENS EM CAPITÃES DA
AREIA, DE JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Marcos Alexandre Faber

DELMIRO GOUVEIA – AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237p Medeiros, Iris Farias

O processo de subalternização das personagens em Capitães da Areia, de Jorge Amado / Luana da Silva Santos. – 2021.
39 f. : il.

Orientação: Marcos Alexandre de Moraes Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Capitães da areia. 4. Subalternização. 5. Personagens. 6. Amado, Jorge, I. 1912-2001. I. Cunha, Marcos Alexandre de Moraes. II. Título.

CDU: 82-311.4



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezoito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e um, às 14 horas, sob a Presidência do(a) Professor(a) Marcos Alexandre de Moraes em sessão pública virtual pelo Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **O PROCESSO DE SUBALTERNIZAÇÃO DAS PERSONAGENS EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO**, da aluna **Iris Farias Medeiros**, sob matrícula 14212842, requisito obrigatório para conclusão do Curso de Letras – habilitação Língua Portuguesa, assim constituída: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes (orientador); Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann (Examinadora Interna - UFAL) e Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno). Iniciados os trabalhos, foi dado a cada examinador um período máximo de 30 (trinta) minutos para a arguição ao candidato. Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o(a) candidato(a) foi considerado(a) aprovada com média geral 8,0 (oito). Na oportunidade o(a) candidato(a) foi notificado(a) do prazo máximo de 30 (trinta) dias, a partir desta data, para entregar a Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso, devidamente protocolada, a versão definitiva do trabalho defendido, em duas vias, impressas e encadernadas e uma cópia em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela Banca. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ATA, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia/AL, 18 de agosto de 2021.

Orientador

Marcos Moraes

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes – UFAL

1º Examinadora
Interna

Debora Raquel Hettwer Massmann

Profa. Débora Raquel Hettwer Massmann- UFAL

Documento assinado digitalmente

2º Examinador
Interno

gov.br

Marcio Ferreira da Silva
Data: 31/08/2021 16:48:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva – UFAL

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que me deu forças nesta caminhada, sem ele não seria possível chegar até aqui.

Tem pessoas que falam das oportunidades e outra que abrem as portas das oportunidades, e esta pessoa em minha vida é minha prima Benedita.

Meus Pais, Celsa e Luiz que apesar do trabalho que dei nunca deixaram de acreditar em mim.

Meus irmãos Crislane, Cleiry, Celso, Allan que sempre estiveram ao meu lado em situações que vão além da vida acadêmica, mas são base para fortalecimento da vida.

As minhas amigas Catharine, Laiza, Bárbara, Mariana, Viviane, pois na vida temos alguns alicerces para nos sustentam e elas contribuíram em muitas situações para nunca me deixar cair.

Quero agradecer em especial a minha amiga Herlanne Santana, que as vezes acreditava mais em mim do que eu mesma, sempre esteve ao meu lado neste processo, a palavra é gratidão por tudo.

Quero agradecer ao meu primo e amigo Horlando que sempre me apoiou do princípio ao fim na minha vida acadêmica

Ao meu esposo Jucilan com quem contei durante esse processo, nos momentos bons e ruins, sempre me deu forças e acreditou em mim.

RESUMO

Este trabalho busca discutir a subalternidade de alguns personagens da obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, analisando o cenário e a época em que foi publicada, pois Amado faz da sua escrita um mecanismo de denúncia sobre o descaso social com os meninos de rua. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica ancorada nas concepções de Antonio Candido (1980), Albuquerque Jr (2011), Bueno(2006), Castello(2009) dentre outros. A pesquisa possibilitou reflexões acerca das vivências dos personagens: Pedro Bala, Dora, Pirulito, Gato, Professor, Sem-Pernas, Boa vida são personagens subalternos que Amado traz para o centro da sua obra, contando suas histórias ele faz o leitor entender que a marginalidade não nasce com esses meninos, ela é justificada por seu entorno.

Palavras-chave Subalternidade. Capitães da Areia. Jorge Amado. Personagens.

ABSTRACT

This work seeks to discuss the subalternity in the characters of the work *Capitães da Areia* by Jorge Amado, analyzing the setting and the time in which it was published, as Amado turns his writing into a mechanism for denouncing social disregard for street children. For this, a bibliographical research was carried out based on the conceptions of Antonio Candido (1980), Albuquerque JR(2011), Bueno(2006), Castello(2009) among others. The research allowed reflections on the characters' experiences: Pedro Bala, Dora, Lollipop, Cat, Teacher, Legless, Good Life are subordinate characters that Amado brings to the center of his work, telling his stories he makes the reader understand that marginality is not born with these boys, it is justified by their surroundings.

Key-words: Subalternity. Sand captains. Jorge Amado. Characters.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	LITERATURA, ROMANCE E SUBALTERNIDADE.....	11
	2.1 Jorge amado na década de 30	11
	2.2 O romance de 30: espelhos convexos.....	13
	2.3 As personagens subalternas no romance Capitães da areia de Jorge Amado	15
3.	LITERATURA, SUBALTERNIDADE E VIOLÊNCIA.....	18
	3.1 Cidade violenta, personagens violentos.....	19
4.	DIFERENÇA E SUBALTERNIDADE DAS PERSONAGENS.....	22
	4.1 Boa-Vida.....	23
	4.2 Pedro Bala.....	25
	4.3 Dora	27
	4.4 Pirulito	29
	4.5 Sem Pernas.....	30
	4.6 Gato.....	33
	4.7 O Professor	34
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a subalternização das personagens na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, analisando os processos que levam as personagens a viverem à margem. O romance tem uma vertente sociológica, que por meio da arte mostra-se uma denúncia social.

A questão da escolha do objeto de estudo surgiu por notar que o escritor Jorge Amado preocupava-se com o meio social, com as classes subalternas dando voz aos personagens que vivem à margem da sociedade. A obra foi escrita em 1937, contudo é um tema muito atual tanto quanto relevante para compreensão da realidade que, ainda hoje, perdura em nossas cidades. Isso significa que a presença de crianças de ruas, que é corriqueiramente presenciada na sociedade brasileira, é a mesma compartilhada pelos capitães da areia, que têm sua infância negada.

Ao analisar a obra é possível perceber como esses personagens retratam a classe estigmatizada e assim julgada, discriminada e hostilizada pela população dominante. Aqui, de um lado as crianças que eram tratadas como marginais, que ameaçavam a ordem e a paz da sociedade, sem amparo algum. Por outro lado, o Estado que deveria ser o responsável por acolher e proteger esses meninos, juntamente às camadas mais abastardas naquele tempo e espaço tonavam-se os grandes vilões para eles. Mas há ainda um terceiro ponto, ~~o qual é:~~ o tratamento que recebiam nas casas de acolhimento e no reformatório para menores era pior que viver nas ruas. Assim, esses meninos se uniam para sobreviver da única forma que encontraram, desafiando as leis do estado, mesmo correndo risco de serem presos ou torturados.

Jorge Amado, escritor baiano do século XX e grande referencial da segunda geração do modernismo brasileiro, é conhecido por suas obras de cunho regionalista. Obras com foco na cultura/costumes/linguagem local, trazendo uma das principais características do movimento as quais são as críticas sociais. Entre suas criações, o poeta viveu momentos de exílio, perseguição e até prisão, pois suas obras eram tidas como revolucionárias, ao ponto que envolvia questões de ordem política. Mesmo com diversos de seus romances apreendidos e queimados em praça pública, alguns felizmente sobrevieram, havendo livros seus traduzidos e publicados até mesmo no exterior.

O romance nos mostra o dia a dia de um grupo de crianças de rua que vivem às margens da sociedade de Salvador, os chamados Capitães da areia. Jorge Amado procura mostrar não somente os assaltos e momentos de violência, mas os pensamentos ingênuos de qualquer garoto

daquela idade. O livro inicia com matérias de jornais e ofícios da polícia de Salvador narrando os delitos cometidos pelos menores marginalizados, mostrando que todos os poderes públicos estão contra os Capitães da Areia, o que acaba sendo uma maneira muito eficiente para situar o leitor no cenário social da obra: a infância marginalizada.

A partir desta pesquisa procuramos apresentar na obra *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, os processos de subalternidade a quais as personagens crianças são condicionadas para uma situação de marginalidade. Desse modo, torna-se relevante a análise por se tratar de um cânone da literatura, ou seja, um livro que é considerado bem elaborado e representativo de uma tradição, de um povo, de uma literatura.

Buscamos por meio do estudo apresentar reflexões sobre as personagens marginalizadas, destacando o estado de inferioridade as quais são submetidas. Além disso, ampliar o número de trabalhos relacionados ao romance e as demais pesquisas sobre o autor já catalogadas, e levantar mais dados sob questões relacionadas a subalternidade no campo literário.

O autor, Jorge Amado, escreveu o romance num momento em que a sociedade era marcada pelo governo de Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo. Assim, a narrativa é de fato marcada por questões sociopolíticas. A obra chegou a ser publicada em 1937, porém diversos exemplares foram queimados. Importante salientar que devido ao está também envolvido no meio político, Amado acaba deixando evidente o seu parecer e opinião nos seus trabalhos.

Com Amado, por meio de suas obras, é possível conhecer, respeitar, amar e compartilhar a cultura afro brasileira, além da culinária, da capoeira e do candomblé. O escritor baiano abriu caminhos de compreensão, de tolerância, de solidariedade, pela via literária, tanto no Brasil, como no exterior. O escritor “vê o Brasil, quase sempre, é verdade, temperado pela violência. À medida que os livros se sucedem, esses atributos positivos se tornam mais profundos e essenciais, como se estivessem infiltrados no sangue brasileiro” (CASTELLO, 2009, p. 15).

Diante disso, esse trabalho pretende demonstrar que existem motivos para compreender que o autor, sendo um dos maiores representantes da literatura modernista no Brasil, foi destaque com suas produções ao apresentar o regionalismo e a denúncia social. Assim, entendermos que ao produzir *Capitães de Areia*, Jorge Amado busca na literatura um espaço para tratar de questões a respeito de classe, sexo, e etc. Trazendo à tona a realidade da sociedade do seu tempo, mas que é atemporal, remetendo a uma realidade que também é do nosso tempo.

A pesquisa está organizada em 5 seções, sendo a primeira seção a introdução, a segunda seção apresentando a literatura, o romance e a subalternidade, a terceira relacionando a

subalternidade e a violência na obra, a quarta sobre a subalternidade dos personagens e por fim as considerações finais.

2. LITERATURA, ROMANCE E SUBALTERNIDADE

O romance é uma forma literária pertencente ao gênero narrativo, sendo um dos maiores estilos literários do século XIX, se tornando conhecido e reconhecido pelo mundo. O romance firmou-se como uma forma literária que reflete mais plenamente uma orientação individualista e inovadora, pretendendo narrar as experiências individuais vividas, acabou tomando como objeto inicialmente a memória autobiográfica, buscando pela verossimilhança e pelo efeito de real.

No Romantismo, o romance era apresentado em características como a subjetividade, a idealização amorosa, a fuga à realidade e o nacionalismo. Suas influências marcaram não só a arte, como a cultura e os costumes daquele momento, que retratavam não só os valores burgueses da época, mas também exaltavam fatores como paisagens interioranas e o indianismo ideológico.

O romance moderno, segundo Bosi (2006), surgiu num momento marcado por transformações na história da humanidade, como a ruptura com os preceitos clássicos protagonizada pelo romance, incorporando as novas concepções de mundo, como a modernização, a secularização, o individualismo, a luta de classes, dentre outras características.

Com isso, observa-se que o romance conseguiu, desde sua gênese se transmutar ao longo dos séculos adquirindo importância de ser referência ao quando se fala em literatura. Ora considerado um gênero literário capaz de proporcionar reflexões políticas, sociais e culturais, ora considerado um gênero menor. Nessa perspectiva, o subtópico a seguir aprofundará os estudos sobre o romance de 30 e obra Amado, obras e escritores da época.

2.1 Jorge Amado na década de 30

Jorge Amado em sua biografia é possível analisar o envolvimento dele com as causas e ideologia do partido comunista. A geração de escritores modernistas/ regionalista volta-se para as causas sociais, apresentando em suas obras uma visão crítica aos problemas do nordeste: a seca, a fome, os meninos de rua, Jorge Amado publica *Capitães da Areia* em 1937 ano que se instalava o estado Novo, a era Getúlio Vargas, a ditadura tentava calar vários escritores, Jorge Amado foi perseguido, exilado, morou na França. Em 1955 volta para o Brasil e dedica-se a literatura, foi membro da academia brasileira de Letras.

Neste período a sociedade brasileira passava por uma transformação resultante da

Revolução de 30 e com a chegada de Getúlio Vargas à presidência, o que resultava em uma instabilidade e crise por conta das organizações políticas que estavam prontas a tomar as rédeas do novo Estado. Então surge neste meio uma nova literatura, voltada para as causas sociais.

[...] uma literatura de feições realistas e de vocação quase sociológica, atenta a cenários e personagens até então pouco contemplados por nossos escritores: o migrante nordestino, a temática da seca, a decadência das oligarquias rurais e também o proletariado nascente, a luta de classes e a miséria urbano-industrial. Além de Jorge Amado merecem destaque nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Erico Verissimo, Dionélio Machado, José Lins do Rego, Patrícia Galvão (Pagu), Octávio de Farias, Lúcio Cardoso e muitos outros que, mais tarde, entrariam para os compêndios de história literária como alguns dos mais notáveis representantes do chamado “romance social” da 16 década de 1930. Não surpreende, portanto, que tenham saído da pena desses romancistas algumas das mais expressivas interpretações da vida social brasileira produzidas a partir daquela década. (ROSSI, 2009, p.24-25).

Essa época foi de grande luta, Jorge Amado era filiado ao partido comunista brasileiro que fizeram com que, a partir dessa época, lançasse seus livros *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). A relação entre a literatura e a política, enquanto na militância partidária, interviram na ficção de Jorge Amado. A militância foi uma peça chave na sua trajetória como escritor.

A trajetória de vida dele também foi de grande importância para construções de suas obras. Nascido no interior e tendo vivido na cidade, um tempo da sua infância e adolescência, ele atraiu, para si, a observação do ciclo do cacau, o viver sertanejo bem como os problemas sociais que aconteciam no Brasil nos anos 30, e que, não por coincidência, continuam patentes em nosso país, em pleno século XXI, como o abandono de menores e as injustiças sociais, por exemplo.

Assim, Amado nascido em 1912, em Itabuna - região cacauzeira da Bahia - desde sua infância, já conhecia o drama dos plantadores de cacau, dos jagunços e a disputa, de forma sangrenta, pelas terras. Morou no Pelourinho - coração da cidade da Bahia, como costumava falar ao fazer referência à cidade do Salvador. Lá conheceu a vida dos pais e mães de santo, dos estivadores do porto, dos vendedores de peixe da rampa do Mercado Modelo, das prostitutas, do menor abandonado, dos saveiros, entre outras classes marginalizadas, como pontua Elia (1974, p.195) “ a vida trágica e sem esperanças de todos os marginalizados, trabalhadores da enxada, crianças abandonadas, constitui o pano de fundo de suas narrativas polêmicas e sectárias”.

2.2 O romance de 30: espelhos convexos

A década de 1930 foi marcada por grande agitação política, produzindo efeitos e mudanças sociais e econômicas como reflexos. Em uma sociedade brasileira vivendo essas transformações, o sentimento de justiça social crescia entre os escritores, buscando junto as suas denúncias sociais, além das adversidades regionais que acometiam a população brasileira, manifestar suas insatisfações com as situações as quais incontáveis brasileiros eram submetidos.

Vale salientar que a vasta produção literária dessa década fez com que fosse considerada, desde seu início até os dias atuais, como a “era do romance” que durou até 1945. *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, publicado em 1928, marcou o início dessas produções cujas intenções principais eram de denúncias contra a miséria, a ignorância, e a opressão nas relações de trabalho contra o homem desfavorecido, por exemplo. Essas situações são comuns as populações de várias regiões do Brasil, entretanto, as obras literárias pertencentes ao Romance de 30 tiveram uma intensidade imensurável na região nordeste do país durante aquela época. Assim, as novas perspectivas, implicando em análises sociais com claro objetivo de engajamento político, alinhadas às novas técnicas narrativas.

De modo geral, uma das características mais marcante que se apresentam nessas obras é a verossimilhança, um retrato real das condições de vida desses brasileiros que além de serem submetidos às situações descritas anteriormente, são fortemente castigados pelas condições climáticas de cada região, por exemplo. O romance devido à incorporação de seu caráter ideológico possui construção de narrativa sem linguagem rebuscada, permitindo que a linguagem se mantenha próxima do dialeto regional, possibilitando seduzir intencionalmente o leitor, uma fácil compreensão da produção textual, e alcançando um número maior de leitores.

[...] o romance de 30 teve desdobramentos que não cabem na esquematização que reduz o esforço de toda uma geração brilhante de escritores brasileiros à formação de dois blocos estanques, o dos que faziam o romance social e o dos que escreviam romance psicológico, sendo que os primeiros caracterizam melhor seu tempo. A leitura extensiva da produção daquela década confirma que essa polarização é um dos tempos do romance de 30, e não seu tempo todo (BUENO, 2002, p. 256)

Embora o romance de 30 tenha sido mais evidenciado na região nordeste com as contribuições em prosa de autores como o alagoano Graciliano Ramos com sua obra *Vidas Secas* (1938), a cearense Rachel de Queiroz com *O Quinze* (1930), o baiano Jorge Amado

com *Capitães de Areia* (1937), e o paraibano José Lins do Rego com *Menino de Engenho* (1932), além de autores como Érico Veríssimo e Dyonélio Machado, gaúchos, revelam a escala de alcance desse estilo literário, atingindo o país em todas as suas regiões.

Diante disso, é preciso pensar a questão da subalternidade e do marginal sob o ponto de vista das novas configurações sociais, e como fenômeno crítico-teórico em que o caso da literatura é exemplar na representação da sociedade e daqueles que vivem à margem. Vários escritores produziram narrativas ligadas a questões sociais, como por exemplo: Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, dentre outros, que escreveram suas obras sobre um realismo crítico, que buscava verossimilhança com questões sociais e políticas de seu tempo.

O romance de 30 mostrava por meio da literatura as desigualdades e injustiças sociais no país, sobretudo na região do Nordeste, os escritores através das suas obras não pegavam em armas para denunciar o estado em que o país se encontravam, usavam o romance como forma de denunciar as desigualdades e injustiças que as classes subalternas eram obrigadas a enfrentar. Vale ressaltar que as obras desse período lançam um olhar crítico e realista sobre o Brasil da Era Vargas.

O gênero também retoma o regionalismo romântico, a partir de uma perspectiva realista, e não mais idealizadora. Nesse neorealismo, além de rejeitar a idealização romântica, os autores também deixaram de lado a impessoalidade realista do século XIX. Os romances desse período resultaram de um engajamento político; portanto, trazem a visão pessoal do autor ou autora sobre a realidade brasileira.

Jorge Amado em 1937, escreve *Capitães da Areia*, uma obra focada na realidade urbana narrando a história de um grupo de garotos de rua que se unem para assaltar pessoas e residências em Salvador. Jorge Amado dá voz aos subalternos, fazendo o leitor refletir sobre outra ótica os marginalizados. Jorge Amado tem uma visão piedosa dessas crianças, destacando que elas cometem os crimes porque são abandonadas. Não que ele apoie o roubo, mas é simpático aos garotos e tenta retratar as causas da situação.

A obra tem uma linguagem simples, coloquial e popular algo que era característico em suas obras, deixando o leitor ainda mais próximo com a realidade dos seus personagens. Com isso, Candido (2012, p. 434), aborda sobre a produção da prosa brasileira foi essencialmente empenhada:

O desenvolvimento do romance brasileiro, de Macedo a Jorge Amado, mostra quanto a nossa literatura tem sido consciente de sua aplicação social e responsabilidade na construção de uma cultura, [...] de um senso de missão [...]. A vocação pública, o senso de dever

literários não bastam, de vez que o próprio alcance social de uma obra é decidido pela sua densidade artística e a receptividade que desperta em certos meios (p. 434).

Com efeito, compreendemos que Jorge Amado tem uma preocupação em falar do outro, pois, como tantos outros escritores regionalistas, saiu de sua classe letrada, para dar verossimilhança a sua obra “fizeram o esforço de olhar para além dos limites de sua própria classe e integraram à cultura letrada brasileira elementos até aquele momento tidos como bastardos ou nitidamente inferiores” (BUENO, 2006, p. 270). Diante disso, o subtópico a seguir discutirá as personagens subalternas no romance de Amado.

2.3 As personagens subalternas no romance *Capitães da areia* de Jorge Amado

Capitães da areia é um romance de Jorge Amado publicado em 1937. O romance conta a histórias de meninos abandonados e que moram em um trapiche à beira mar, em Salvador. No começo do século XX, cada personagem que mora ali tem sua história particular de como chegou ao trapiche; o líder Pedro Bala, órfão de um pai revolucionário que morreu defendendo a greve; o estudioso professor, o único que sabe ler e escrever entre os meninos; o sedutor Gato, uma espécie de cafetão conquistador de meninas e mulheres; o religioso Pirulito com seus santos e rezas, entre outros.

Esses meninos abandonados são submetidos aos processos de subalternidade, isto é, processos de caráter “tradicionalista e religioso, opressor do desenvolvimento de valores de interesse e individualidade, articulando sua potência ativa e insurgente a partir de bases predominantemente não-seculares” (SILVA, 2015, p. 134). Com isso, a narrativa é construída com uma sociedade totalmente contra esses meninos, que na verdade eram crianças obrigadas a se marginalizarem, pois, eram socialmente desamparadas. Diante disso, na obra existe um grupo contrário aos capitães da areia, aos quais se destacam a polícia, os jornalistas e as famílias soteropolitanas que desejam vê-los presos.

No final da década de vinte e a década de trinta a literatura traz obras de cunho regionalista nacional. O brasileiro tinha necessidade de ter em suas obras problemas do seu cotidiano, que eram mascaradas muitas vezes pelos meios de comunicação, com apoio da polícia e da alta burguesia. O romance nordestino vem com o status de uma literatura preocupada com os problemas da nação. Segundo Albuquerque Júnior (2011, p.) “a literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país: a desvendar

a essência do Brasil real”, além de que no universo romanesco Amadiano a cidade se faz perceptível como espaço culturalmente heterogêneo, no qual o binômio exclusão social e luta por sobrevivência está presente como linha mestra.

Capitães da Areia expõe os maus tratos de uma sociedade opressora, onde crianças são as vítimas, vulneráveis, envoltas das mazelas sociais encontradas nas ruas da capital baiana como o seu único espaço de sobrevivência, espaço esse que é voltado todo contra eles, porém eles traçam planos para sobreviver em meio à opressão social que vivem.

Essas crianças, as quais são sujeitos considerados marginalizados, reivindicam um lugar de fala em meio à sociedade, sejam eles homossexuais, mulheres, mulheres negras, negros. É nessa perspectiva que Boaventura Santos em *Um discurso sobre as ciências* (2010) apresenta os paradigmas emergentes relacionados aos sujeitos que são considerados marginalizados, por estarem à margem da classe dominante de homens/brancos/ricos, pois “[...] No paradigma emergente o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal” (SANTOS, 2010, p. 76), totalidade esta voltada a dar um lugar para ser ouvido aos que são considerados minoria quando na verdade são maioria, sendo assim, os que compõem um paradigma emergente.

Como já dito, as obras amadianas tendem a expressar desigualdades sociais como forma de crítica, e no caso da obra em questão, desigualdades que as denominadas “crianças ladronas” estão relacionadas, processos de inferioridade em que as mesmas são submetidas. Diante disso, a partir da teoria do estruturalismo de Candido (1980), o externo, isto é, os fatos sociais, nesse caso os processos em que as crianças são submetidas se tornam interno na obra, pois as condições sociais penetram o significado.

A inferioridade, processo de subalternidade, é apresentada em diversas partes da obra, seja relacionada às condições de moradia das crianças, como em:

[...] Durante anos foi **povoado exclusivamente pelos ratos** que aí atravessavam em corridas brincalhonas, que rolam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um **cachorro vagabundo** o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. (AMADO, 2008, p. 21, grifos meus).

[...] Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas desde os 9 aos 16 anos, que à

noite se estendiam pelo assoalho e **por debaixo da ponte e dormiam.** (AMADO, 2008, p. 21, grifos meus).

Então, percebe-se que as crianças habitavam um trapiche que por muito tempo foi lugar de ratos, cachorro vagabundo, como também dormiam debaixo da ponte, caracterizando assim o processo de inferioridade a que eles eram submetidos. O narrador também apresenta características inferiores pessoais referentes as suas vestimentas e costumes “[...] Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade” (AMADO, 2008, p. 22). Além de serem considerados marginais “bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente” (AMADO, 2008, p. 15).

Dentre todas as personagens, o chefe do trapiche Pedro “era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe” (AMADO, 2008, p. 22), ele, no final da narrativa se tornou militante proletário, e ainda assim considerado delinquente, sendo perseguido pela polícia de cinco estados por estar organizando greves, um “perigoso inimigo da ordem estabelecida” (AMADO, 2008, p. 256), mas se tornou um guerreiro, revolucionário amado pela classe proletária, tanto que:

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. **Porque a revolução é uma pátria e uma família.** (AMADO, 2008, p. 256, grifos meus).

Pedro Bala passou a lutar pela classe proletária, uma classe que está à margem, possibilitando um lugar para esses marginalizados serem ouvidos, lutando por uma revolução. No decorrer da obra, o autor enfatiza a sociedade opressora, com as classes dominantes no poder, e que desvalorizam as “crianças ladronas” por viverem de furtos por não terem oportunidade de vida. Uma crítica voltada para a inferioridade em que essas crianças moravam no trapiche, onde ratos e cachorros já passaram, e até mesmo debaixo da ponte. Jorge Amado apresenta em *Capitães da Areia* a militância política, a importância de se lutar pela pátria, muito bem representado pela personagem Pedro Bala, um líder considerado marginal, e que deu voz aos que são marginalizados. Seguindo essa perspectiva, a próxima seção busca discutir a relação entre literatura, subalternidade e violência.

3. LITERATURA, SUBALTERNIDADE E VIOLÊNCIA

Jorge Amado inicia o romance *Capitães da Areia* com uma reportagem fictícia intitulada “Crianças ladronas”. A matéria narra minuciosamente um assalto à casa de um rico negociante, o comendador José Ferreira, em que o crime fora praticado pelos Capitães da Areia, descritos como “o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe”(AMADO,2008, p.15) .

Após as reportagens, o autor apresenta uma sequência de cartas de leitores do Jornal. As duas primeiras são, respectivamente, do secretário do chefe de polícia (que atribui ao juiz de menores a responsabilidade pelos atos criminosos dos Capitães da Areia) e do juiz de menores. Apesar de ser uma forma de denúncia a reportagem deixa claro o seu favorecimento aos interesses das classes sociais mais ricas.

Como é apresentado na obra, para a sociedade da época citada,

[...] o que se fazia necessário era uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões. Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe dessa malta de jovens bandidos. (AMADO, 2008, p. 5)

A narrativa mostra a todo momento o descaso social com os meninos de rua, pois, cada personagem tem sua história e o que levou aqueles meninos a marginalidade, nada mais é que uma busca por sobrevivência em meio a uma sociedade voltada contra eles. A marginalização, o abandono infantil e as injustiças sociais compõem a problemática central abordada na obra *Capitães da Areia*.

Com isso, colocamos essas crianças como subalternas, uma vez que não participam, ou participam de modo muito limitado da sociedade, sendo sujeitos mudos pelo imperialismo cultural e pela violência epistemológica. São personagens subalternas, mas que em sua ficção saem das margens e se tornam o centro.

Eram meninos de todas as cores e idades, “desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam no assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava”, no velho trapiche abandonado tendo como companhia os ratos (AMADO, 2008, p. 26).

A literatura muitas vezes faz do seu contexto um mecanismo de denúncia dos

acontecimentos da vida social, mostra a vida real tão bem representada pela ficção. Jorge Amado conta a história dos capitães da areia, meninos das ruas de Salvador representam um recorte real da sociedade baiana, o romance os retrata por meio da ficção literária. Revelando que as classes oprimidas vivem em condições de extrema miséria e ainda são vistas como criminosas, ao invés de serem vistas como vítimas.

O cenário da obra é marcado pela miséria e o ambiente no qual a marginalidade nasce e cresce. O abandono, a falta de instrução e as condições indignas são consequências de um povo marcado pela desigualdade social. “Historicamente, as classes dominantes sempre mantiveram o monopólio das ideologias, no entanto reproduzir a sociedade, levando em conta apenas a aparência construída pelos interesses dominantes, desconhecendo seus problemas, seria negar sua estrutura interna, ao passo que não se pode olvidar que a classe alta se afirma à custa do rebaixamento da classe baixa” (KOTHE, 2000, p. 85).

Amado usa seu tom poético para fazer uma crítica social, ao longo do enredo o autor cria artifícios que nos leva a acreditar na veracidade dos fatos que a voz, em terceira pessoa, irá narrar sobre os "Capitães da Areia".

3.1 Cidade violenta, personagens violentos

Ao discutir a desigualdade de classes sociais, naturalizadas pelos interesses da própria organização da sociedade, que marginaliza e crianças e adolescentes de determinados estratos, a obra também discutir como essa mesma organização social, apesar de ter instituído leis que deveriam proteger a infância e adolescência, continua a culpabilizar os sujeitos, no caso crianças e adolescentes, pela situação marginal em que a própria sociedade os enquadrou. Conforme aponta Duarte (1996), as crianças e adolescentes marginalizados deixaram, na atualidade, o status de bandidos para serem chamados de infratores, de excluídos, mas a culpabilização ainda continua, embora com outra denominação.

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime [...]. O que se faz necessário é uma providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou as prisões. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias (AMADO, 2008, p. 09-11).

A obra *Capitães da Areia* mostra uma sociedade hostil com as classes mais humildes, também se comporta de forma criminosa, não só por sustentar práticas cruéis de exclusão social, como também por se beneficiar das contravenções que só os “capitães” estariam habilitados a executar, como efetuar roubos sob encomenda (*roubar chapéu de feltro*, por exemplo). Ou seja, Jorge Amado representa os dois lados dessa sociedade em uma relação de interdependência. Fica claro que elei sempre está ao lado da burguesia, mostrando-se omissa as desigualdades e injustiça com os *Capitães da Areia*.

Amado mostra uma sociedade que julga quando deveria acolher, esses meninos identificam-se e se unem a partir das carências afetivas individuais, das desgraças e da falta do acolhimento familiar. Apesar de serem crianças os “capitães” retrata desprezo e a insensibilidade com a miséria sem vez e sem voz.

Eles roubavam e furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e policiaes. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se fazia tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem aquilo morreriam de fome por que eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir o outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos (AMADO, 2008, p. 100).

A circulação de menores pelas ruas da Bahia no século XIX estava relacionada à sua dramática situação social. Esses menores eram chamados de “moleques vadios” ou “meninos vadios”, pois sociedade tinha esses menores como uma ameaça à ordem social. O reformatório, que seria para cuidar desses deles, era de péssimas condições, como também a condição de miséria e os maus tratos que as crianças recebiam no reformatório.

[...] O bedel lhe entrega um prato de barro com água onde bóiam alguns caroços de feijão. Pedro Bala pede: - Pode me dar mais um pouco de água? - Amanhã... Ri o bedel - Só um pouco mais. (...) Bebe a água escura do feijão. – Nem repara que é salgadíssima. Depois come os grãos ditos. Mas a sede ataca novamente. (AMADO, 2008, p. 197)

Neste pequeno trecho fica evidente as condições desumanas que as crianças enfrentam no reformatório, que Além dos maus tratos e castigos severos, a alimentação era de baixo valor calórico, insuficiente para uma criança em fase de desenvolvimento. Esses adolescentes sofriam tanto nos reformatórios que preferiam viver nas ruas de Salvador, onde a fome e miséria eram companhia constante.

O romance mostra os conflitos sociais entre ricos e pobres e entre fracos e fortes.

Capitães da areia denunciam uma sociedade opressora existente em Salvador, onde a marginalidade é um meio de sobrevivência para aqueles que são abandonados socialmente.

4. DIFERENÇA E SUBALTERNIDADE DAS PERSONAGENS

Jorge Amado da voz as classes subalternas aproximando o leitor da realidade dos seus personagens, Amado faz isso muito bem através da linguagem, fazendo da sua obra um elemento expressivo do retrato social, do ambiente e dos personagens por ser usada por grupos sociais estigmatizados, que por muito tempo, ficou relegada ao esquecimento pelas classes detentoras do poder que usavam a língua como forma de oprimir e de negar aos excluídos a voz que as insira no processo social. Ao falar de subalternidade é preciso considerar as relações dos subalternos do ponto de vista social e econômico. Devemos, acima de tudo, pensar na linguagem, pois Jorge Amado usava uma linguagem informal e crua.

Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois de algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de uma ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado (AMADO, 2008, p.21)

As classes subalternas foram os proprietários da produção romanesca da década de 30, na qual destacamos a obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. Segundo Antonio Candido (2008), foi ouvindo o dialeto desse povão que Amado descreveu, em suas obras, as classes oprimidas e as injustiças sociais. Vendo as condições de vida dos trabalhadores das fazendas, tomou consciência do social, em contato com o povo da Bahia, conscientizou - se do problema racial.

Para analisar as personagens da obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado é preciso analisar aspectos sociais e espaços físico. Os personagens são menores abandonados que vivem num velho trapiche, cujo líder do grupo é Pedro Bala. Ao final da narrativa, os *Capitães da Areia* tomam consciência da situação geral do País, encaminhando - se para a luta política. Em uma linguagem crua e poética, o autor descreve como o grupo vive, denunciando as desigualdades sociais, como as classes dominantes são desonestas e também a sensibilidade das crianças marginalizadas.

Ao analisar a vida dos capitães da areia, nota-se que são meninos sem família de laços sanguíneos, sem perspectivas de vida de adolescentes, a não ser os furtos e as carreiras pelas ruas estreitas e ladeirosas da velha Cidade da Bahia, lutando pela sobrevivência. Esses garotos perdem sua essência, agem como criminosos, pois a sociedade já tem eles como marginais.

Como ser criança em meio a uma sociedade voltada contra eles, pelas condições da vida, usando uma linguagem adequada à delinquência e a vida que eram impostas a eles.

Amado ao longo da obra, mostra que falta uma base para estes meninos, a falta de um lar, uma família, uma orientação, acolhimento. Assim propõe uma mudança de atitude da sociedade marginalizadora que forma as diferenças sociais alimentando um sistema excludente.

[...] crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e deste mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, e, eram, em verdade, donos da cidade, que a conheciam totalmente, os que totalmente, os que totalmente a amavam, os poetas (AMADO, 2008, p. 21).

Sendo assim, refletindo em como a sociedade influenciou as personagens, a próxima seção busca apresentar uma análise das mesmas.

4.1 Boa-Vida

O apelido traduz seu caráter indolente e sossegado. Contenta-se com pequenos furtos, o suficiente para contribuir para o bem-estar do grupo, e com algumas mulheres que não interessam mais ao Gato. Ele também tem um interesse por gato, logo que o conheceu. Não gostava de se preocupar, “Gostava de deixar a vida correr, sem se preocupar muito.” Era mais um parasita do grupo”(AMADO, 2008, p.65). As vezes cometia algum furto e entregava a Pedro Bala. Gostava de ficar deitado na areia olhando os navios. Representa o tipo ideal de malandro boa praça.

Quando já tinha algum tempo que havia contribuído com algum objeto de valor para a economia do grupo, fazia um esforço, arranjava algo que rendesse dinheiro e entregava a Pedro Bala. Mas realmente não gostava de nenhuma espécie de trabalho, fosse honesto ou desonesto. Gostava era de deitar na areia do cais, horas e horas espiando os navios, de ficar de cócoras tardes inteiras nos portões dos armazéns do porto ouvindo histórias de valentias. Vestia-se de farrapos, pois só providenciava arranjar uma roupa quando seu traje caía aos pedaços. Gostava de andar ao léu nas ruas da cidade, entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras.(AMADO, 2008, p.65)

Não contava com nenhum prestígio dentro do grupo, mas era amigo de todos. Foi através de Boa-vida que os capitães conheceram Padre José Pedro, que era uns dos poucos que os

ajudava. Assim, Boa-Vida transformou-se em um verdadeiro malandro, tocador de violão e “armador de fuzuês”, na cidade de Salvador, não gostava de pegar no pesado e já mais sonho em sair da Bahia.

Boa-Vida achava besteira sair da Bahia, onde, quando crescesse, seria tão fácil viver uma boa existência de malandro, navalha na calça, violão debaixo do braço, uma morena para derrubar no areal. Era a existência que desejava ter quando se fizesse completamente homem.(AMADO,2008,p.77)

Boa-Vida contraiu bexiga, doença que devastava a cidade, resolveu então e para o lazareto, tinha medo da doença e do lugar que ia procurar para se trata, mas não tinha outro lugar, no trapiche não podia ficar pois poderia passar a doença para os outros, sabia que muitos iam mas poucos voltavam do lazareto.

Boa-Vida jogou um. Chegou no seu canto, fez uma trouxa com seus trapos.

Professor ficou espiando aquele movimento:

-- Tu vai embora?

Boa-Vida andou até ele com a trouxa debaixo do braço:

-- Tu não diz a ninguém... Só a Bala...

-- Pra onde tu vai?

O mulato riu:

-- Pro lazareto...

Professor olhou os braços cheios de bolhas, o peito.

-- Tu não vai, Boa-Vida...

-- Por que, mano?

-- Tu sabe... É buraco na certa...

-- Tu pensa que eu vou ficar aqui pra pegar nos outros?

-- A gente trata de tu...

-- Morria tudo. Almiro tinha casa, tá certo. Eu não tenho ninguém.(AMADO, 2008, p.150)

Apesar de acha que estava indo para morte certa, Boa-Vida voltou, magro fraco mas curado.” Boa-Vida voltou magro, a roupa dançando no seu corpo” (AMADO, 2008 ,p.151), mas trouxe consigo traumas daquele lugar, tremia só por alguém pergunta, pediu para ninguém perguntasse sobre, pois lembrar era a mesma coisa que voltar lá.

Então João Grande perguntou:

-- Como era o lazareto?

Boa-Vida se voltou rápido. Seu rosto tomou uma expressão amarga de desgosto.

Demorou um pouco a responder. Depois as palavras saíram com dificuldade:

-- Ninguém sabe dizer, não. É uma coisa por demais... Uma nojeira. A gente quando entra é igual um que entra no caixão...

Olhou os outros, que estavam suspensos das suas palavras. Sua voz era amarga

-- Igual que entrasse pro caixão pra ir pro cemitério... Igual...

Não achou mais que dizer. Sem-Pernas perguntou entre dentes:

-- Que mais?

-- Nada. Nada. Não sei, não... Por Deus, não pergunte... -- baixou a cabeça, que balançava para todos os lados. Sua voz saiu muito baixa, como que ainda amedrontada:
 -- É mesmo que ir pro cemitério. Tudo já está morto. (AMADO,2008, p.157).

4.2 Pedro Bala

Pedro Bala, o líder, com “o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa” (AMADO, 2008, p. 21). Essa cicatriz foi fruto da luta em que venceu o antigo comandante do bando. É ágil, esperto, temido e respeitado por todos do grupo. Traz nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Nunca soube de sua mãe, seu pai, conhecido como Loiro, era estivador e liderara uma greve no porto, quando foi assassinado por policiais. Há dez anos Bala luta por sua sobrevivência pelas ruas da Bahia. E assim o autor descreve o perfil de Pedro Bala:

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Há dez que vagabundeia. nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.(AMADO, 2008,p.21)

Bala é considerado o chefe, o líder por se destacar um pouco mais sobre os outros. É ele quem estabelece a tarefa de cada um. Ao conhecer Dora torna-se seu namorado. Bala é fisicamente de cor branca, opressão não afeta apenas os mestiços e os negros, afeta o pobre, Amado buscava um justiça social para os sulbaternos.

[...] A par da audácia literária que, não sendo estilística, era social, Jorge Amado tornou-se, entre nós, o escritor sem medo. Heroicamente, atravessou a Ditadura Vargas, durante o Estado Novo, e pode e deve ser mencionado como o Pai do Romance Proletário Brasileiro” (LOUZEIRO *apud* PALAMARTCHUK, 2013, p. 23),

Já no início da obra nota-se que Bala terá um papel de destaque, quando ele é citado na reportagem do jornal.

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos "Capitães da Areia", que é reconhecível devido a um talho

que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava, porém, pela reação do moleque, que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que, quando pensava ter seguro o chefe da malta, o jardineiro recebeu uma punhalada no ombro e logo em seguida outra seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso, que fugiu (AMADO, 2008, p. 5-6)

Os capitães tem Pedro Bala como líder, por isso tem o respeito de todos, ele tem grande destaque no livro poderia ser considerado um personagem principal. Bala tem dentro de se uma vontade de lutar por uma sociedade mais igualitária. Suas ações deixam de ser apenas a delinquência e passam para a transformação política da sociedade.

Com a morte de Dora sua amada, resultado da febre forte que pegara no Orfanato, Pedro Bala deixa o trapiche. O amor, através de Dora fez Bala rever sua vida talvez o tornou uma pessoa um pouco mais adulta, o que o fez chegar ao final de sua história como um militante proletário, o “camarada” Pedro Bala. O proletariado era uma classe contrária à classe capitalista. Proletário é aquele que não tinha nenhum meio de vida, exceto sua força de trabalho, suas aptidões.

Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais 49 que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fífós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco Estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família. (AMADO, 2008, p. 231).

Bala acompanha o desfecho de todos os seus companheiros, sentiu a morte de Sem-Pernas, “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha qual um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro”. (AMADO, 2008, p. 215). Viu João José, o Professor, ir embora para o Rio de Janeiro, [...] “Dr. Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus” (AMADO, 2008, p.196).

Um dos trechos que mais marca sua história é sua despedida no trapiche.

[...]os punhos dos Capitães da Areia se levantam fechados. “Bala! Bala! – gritam numa despedida. Os gritos enchem a noite, calam a voz do negro que canta no mar, estremece o céu de estrelas e o coração de Pedro. Punhos fechados de crianças que se levantam. Bocas que gritam se despedindo do chefe: “Bala!” “Bala!” Barandão está na frente de todos. Ele agora é o chefe. Pedro Bala parece ver Volta Seca, Sem-Pernas, Gato, Professor, Pirulito, Boa-Vida, João 50 Grande e Dora, todos ao mesmo tempo entre eles. Agora o destino mudou. A voz do negro no mar canta o samba de Boa- Vida: “Companheiros, vamos pra luta...” (AMADO, 2008, p. 229-230)

4.3 Dora

Os pais da personagem Dora morreram, vítimas da varíola, quando tinha apenas 13 anos. É encontrada com seu irmão mais novo, Zé Fuinha, pelo Professor e por João Grande. Neta de italiano com uma mulata, a menina dos seus 13 para 14 anos, era bonita, tinha “olhos grandes, cabelo muito loiro” (AMADO, 2008, p. 159), e os “seios já haviam começado a surgir sob o vestido” (AMADO, 2008, p. 157).

A chegada de Dora no bando não foi fácil, pois, desperta a libido dos garotos, que viam as mulheres como objeto para satisfação sexual. Há uma briga entre eles para ter relações com Dora, mas tanto o Professor, já apaixonado pela menina, quanto João Grande a defendem. Dora quase é violentada, mas, tendo sido protegida por João Grande, o grupo a aceita, primeiro como a mãe de que todos careciam, depois como a valente mulher de Pedro Bala. Dora, a única mulher do grupo, tinha quatorze anos, era muito simples, dócil.

Dora vai aproxima-se de Pedro Bala muito por suas histórias serem semelhantes, pois ambos perderam entes queridos. A personagem passa a ser para os Capitães da Areia a figura da mãe protetora, que dará colo, carinho e atenção, e também, a figura da irmã que para eles até então inexistia. Já para Pedro Bala, Dora será a “noiva” e a “esposa”. Morre ardendo em febre e seu corpo é levado ao mar, onde será “sepultado” com a ajuda de padre José Pedro, que, mais uma vez indo contra a lei e a moral estabelecidas, decide ajudar os meninos do Trapiche.

Dora é uma personagem muito importante na história, pois é para alguns dos capitães a figura materna, e o divisor de águas na vida de outros integrantes do grupo. Pedro Bala começa a entender que, muito além da violência, há outras formas de demonstrar suas insatisfações com a sociedade, ou de ajudar os seus amigos e companheiros”, afirma (DINIZ, 2009, p. 10). Será

por sua causa que Pedro Bala, apaixonado, iniciará sua transformação e uma reviravolta em sua vida.

Amado faz esse rito de passagem da personagem que assinala a sua inclusão definitiva no grupo e “a saída de sua condição de menina-mulher para a de menino-adulto” (ALMEIDA, 2012 p. 7). Isso sem perder a feminilidade, ainda que tenha aprendido a lutar capoeira, manusear a navalha e roubar. Nesse sentido, ela torna-se irmã dos meninos.

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, a pular nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. (...) Dizia o professor: – Era valente como um homem... (AMADO, 2008, p. 178-179).

O final da personagem é trágico, ela é presa juntamente com Pedro Bala, após uma briga com um grupo rival, Pedro vai para o reformatório; ela, para o orfanato, onde tentam inculcá-lhe as boas maneiras de uma moça. Quando Bala foge, ele vai buscá-la. Dora está na enfermaria com febre e, mesmo assim, vai com os meninos. À noite, no trapiche, a mãe-de-santo Don'aninha lhe faz uma reza de cura. Ela entrega-se a Pedro e amanhece sem vida. Esse é um dos momentos mais tocantes do livro.

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura: – É bom... Sou tua mulher. Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor. – Agora vou dormir – diz. Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa. A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas no coração dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia (AMADO, 2008, p. 210).

Com a morte de Dora os *Capitães da Areia*, dividem-se seguindo rumos diferentes. Amado ao descrever a paz da noite faz com que o leitor veja a mesma paz que os meninos viam nos olhos da menina. E, assim, ela vira uma estrela imaculada.

Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou pela Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rita Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma noite de paz da Bahia. (AMADO, 2008, p. 214)

4.4 Pirulito

“Ele era magro e muito alto, uma cara seca, meio amarelada, os olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha” (AMADO, 2008, p.29). Era religioso, tinha esperança de um dia entrar para o seminário, apesar de não ter aprendido rezar em catecismos, agarrava-se em suas orações a esperança de ter seus pedidos atendidos, suas orações lhe traziam paz e felicidade.

Começou a rezar e seu arde asceta se pronunciou ainda mais, seu rosto de criança ficou mais pálido e mais grave, suas mãos longas e magras se levantaram ante o quadro. Todo seu rosto tinha unia espécie de auréola e a sua voz tonalidades e vibrações que os companheiros não conheciam. Era como se estivesse fora do mundo, não no velho e arruinado trapiche, mas numa outra terra, junto com Nossa Senhora das Sete Dores. No entanto, sua reza era simples e não fora sequer aprendida em catecismos. Pedia que a Senhora o ajudasse a um dia poder entrar para aquele colégio que estava no Sodré, e de onde saíam os homens transformados em sacerdotes (AMADO,2008, p.30)

Este representa a bondade do grupo, embora teve uma época que era conhecido como o mais cruel do grupo, mas foi tocado pelos ensinamentos do padre José Pedro, converte-se à religião. Executa, com os demais, os roubos necessários à sobrevivência, sem jamais deixar de praticar suas orações e sua fé em Deus, pois desejava ser bom e, esperava a justiça celeste.

Pirulito, que tinha sido o mais agressivo do grupo e se torna frade, acreditando que a mudança virá do amor, pela bondade que está presente nos corações dos homens. Pois em suas orações ele se transportava para outro mundo, e ao longo do tempo todos passaram a respeitar sua fé.

Logo ajoelhou-se. Os outros, a princípio, faziam muita pilhéria quando o viam de joelhos, rezando. Porém já haviam se acostumado e ninguém mais reparava. Começou a rezar e seu arde asceta se pronunciou ainda mais, seu rosto de criança ficou mais pálido e mais grave, suas mãos longas e magras se levantaram ante o quadro. Todo seu rosto tinha unia espécie de auréola e a sua voz tonalidades e vibrações que os companheiros não conheciam. Era como se estivesse fora do mundo, não no velho e arruinado trapiche, mas numa outra terra, junto com Nossa Senhora das Sete Dores. No entanto, sua reza era simples e não fora sequer aprendida em catecismos. Pedia que a Senhora o ajudasse a um dia poder entrar para aquele colégio que estava no Sodré, e de onde saíam os homens transformados em sacerdotes (AMADO, 2008, p.30)

Pirulito via bondade naqueles meninos, sabia que faziam o possível para viver e as alternativas que tinham na rua era apenas uma, sobreviver. Então o que fazer quando uma criança não tem um lar, pai, mãe, proteção, só restava a marginalidade como forma de sobrevivência. Pirulito não culpava as atitudes dos capitães nem a dele para sobreviver, culpava a vida.

Pirulito mirou o céu azul onde Deus devia estar e agradeceu num sorriso e pensou que Deus era realmente bom. E pensando em Deus pensou também nos Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. Pirulito pensou que todos estavam condenados ao inferno (AMADO, 2008, p.101-102)

Pirulito era temente a Deus, buscava na fé forças para fazer o que considerava certo, acreditava que iria para o inferno quando roubava, muitas vezes era o infrator e o juiz de se mesmo. Em um trecho da história Pirulito tem um dilema; furta uma imagem de um menino que está nos braços de nossa senhora, ou não furta por ser pecado, mas ele se identifica com o menino.

E fica parado, pensando. Ele tinha jurado a Deus, no seu temor, que só furtaria para comer ou quando fosse uma coisa ordenada pelas leis do grupo, um assalto para o qual fosse indicado por Pedro Bala. Porque ele pensava que trair as leis (nunca tinham sido escritas, mas existiam na consciência de cada um deles) dos Capitães da Areia era um pecado também. E agora ia furtar só para ter o Menino consigo, alimentá-lo com seu carinho. Era um pecado, não era para comer, para matar o frio, nem para cumprir as leis do grupo. Deus era justo e o castigaria, lhe daria o fogo do inferno. Suas carnes arderiam, suas mãos que levassem o Menino queimariam durante uma vida que nunca acabava (AMADO, 2008, p.106).

Pirulito tinha sonhos um deles era entrar para o seminário, padre José acreditava na sua vocação “Pirulito queria ser padre. Queria ser padre, sim, a sua vocação era verdadeira” (AMADO, 2008, p.147). No final ele acaba indo trabalhar com padre José na igreja.

4.5 Sem Pernas

Um menino que uma vez fora pego pela polícia e por isso passou a ser um jovem amargo e que odiava a tudo. Por ser manco, às vezes era usado nos assaltos a casas: ele batia nas portas das casas falando que era órfão e aleijado, um fato verídico, mas usado para saquear essas casas. “Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais” (AMADO, 2008, p.27)

Um dos personagens que aprendeu cedo a lidar com o sofrimento, e oferecia aquilo que recebeu, Sem Pernas era considerado um dos mais cruéis do bando, “Ridicularizava tudo, era

dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado” (AMADO, 2008, p.32). Sem pernas era traumatizado, desde de criança que sofre maus tratos e torna-se resistente a qualquer tipo de aproximação. Mas os que o conheciam sabia que no fundo ele era um menino bom

Sem Pernas não queria muito, as vezes ele só queria ser uma criança que poderia andar no carrossel, mas até isso é negado a ele, e não foi por não compra o bilhete, foi por suas roupas, por ser um menino de rua.

O Sem Pernas já tinha mesmo (certo dia em que penetrou num Parque de Diversões armado no Passeio Público) chegado a comprar entrada para um, mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quis lhe devolver o bilhete da entrada, o que fez com que o Sem-Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria, que estava aberta, abafasse o troco, e tivesse que desaparecer do Passeio Público de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o Parque se ouviam os gritos de: Ladrão!, ladrão! Houve uma tremenda confusão, enquanto o Sem-Pernas descia muito calmamente a Gamboa de Cima, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada. Mas o Sem-Pernas preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel, montado naquele fantástico cavalo de cabeça de dragão, que era sem dúvida a coisa mais estranha e tentadora na maravilha que era o carrossel para os seus olhos. Criou ainda mais ódio aos guardas e maior amor aos carrosséis distantes. E agora, de repente, vinha um homem que pagava cerveja e fazia o milagre de o chamar para viver uns dias junto a um verdadeiro carrossel.(AMADO, 2008,p.57,58)

Garoto deficiente de uma perna, que colocava medo nos garotos do bando, não por sua condição física, mas por suas maldades, usava da sua condição para fugir da sua trágica vida, pois, aprendeu cedo a sobreviver em meio a dor, foi forjado no sofrimento.

Queria alegria, uma mão que, o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava meu padrinho e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta.(AMADO,2008,p.32)

As características de Sem Pernas sempre falando alto e com risadas estrondosas, na verdade, tentava esboçar uma falsa felicidade. Amado vai envolvendo o leitor ao ponto de causar comoção com relação às questões sociais que são apresentadas por ele, como a carência materna, o abandono e a própria marginalidade em que vive.

Fazia-se de órfão desamparado para ser acolhido pelas famílias e, assim, com a confiança destas, conhecia cada ponto estratégico de suas residências, retransmitindo tais informações ao grupo. É em uma dessas casas que Sem-Pernas é bem acolhido por um casal que perdera o filho pequeno.

O narrador leva o leitor a se sensibilizar com a causa do personagem mostrando que Sem-Pernas, desta vez, sente um certo remorso porque percebe que Dona Ester, a senhora que o adotou, é uma mulher boa, ficando, dessa forma, dividido entre passar as informações da casa para os companheiros e ser leal à família. “uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom” (AMADO, 2008). Decide-se por manter-se fiel aos "Capitães da Areia"

Sem Pernas só queria ser igual a qualquer outra criança, queria carinho, lar, proteção, mas a vida foi dura e deu a ele, maus tratos, abandono, não lhe falta motivos para agir com revolta. Contudo, ele só queria sentir a felicidade que vez ou outra demonstrava.

[...] uma coisa imediata, uma coisa que pusesse seu rosto sorridente e alegre, que o livrasse da necessidade de rir de todos e de rir de tudo. Que o livrasse também daquela angústia, daquela vontade de chorar que o tomava nas noites de inverno. (AMADO, 2008, p.30).

Assim o autor descreve seu destino, tomado por um sentimento de revolta rancor, raiva e ódio pela sua condição no mundo, o menino só vê uma solução possível e uma suposta liberdade, no suicídio descreve a morte deste personagem, porém o faz de forma significativa, como fizera em todos os momentos em que o enredo trazia à cena a figura do Sem-Pernas.

Mesmo narrando a morte do garoto, o narrador preocupa-se com caracterização de um grupo social marginalizado que vive à mercê de uma sociedade excludente e preconceituosa com os menos favorecidos e, mais uma vez, utiliza-se da verossimilhança para fazer a representação da sociedade brasileira. E, assim, o autor constrói, destrói e redime pela morte seu personagem que se torna uma representação do sistema social excludente e assimétrico.

[...]Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo. [...]Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. [...]Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. [...]Nunca, porém, o tinham amado pelo que ele era, menino

abandonado, aleijado e triste. Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. [...]Sobe no pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. (AMADO, 2008, p. 250-251)

Amado em sua genialidade deixa o leitor refletir sobre o que era a vida de um menino como Sem-Pernas, rejeitado, sofrido, só enxergou um caminho para sua liberdade o suicídio como forma para livra-se de tanta opressão e sofrimento impostos.

4.6 Gato

Conhecido assim por ser tido como um dos mais bonitos ali. Quando entrou no grupo um dos meninos tentou se relacionar com ele, mas Gato não quis. Sendo muito vaidoso, tentava andar arrumado na medida do possível sempre de acordo com a sua dura realidade de menino de rua. “O Gato ainda não está dormindo. Sempre sai depois das onze horas. É o elegante do grupo. Quando chegou, alvo e rosado, Boa-Vida tentou conquistá-lo” (AMADO, 2008, p.33).

Vindo de Aracajú para Salvador, nota que não vai ter uma vida tão diferente da qual tinha em Aracaju, como sempre usaria do seu charme e beleza para sobreviver, mas no meio deste percurso ele apaixonou-se por Dalva, que tem um amante/flautista.

O Gato voltava todas as noites. Dalva nunca lhe deu sequer um olhar. Por isso ele ainda a amava mais. Ficava numa espera dolorosa até meia hora depois de meia-noite, quando o flautista chegava e, depois de a beijar na janela, entrava pela porta mal iluminada. Então o Gato ia para o trapiche, a cabeça cheia de pensamentos: se um dia o flautista não viesse... Se o flautista morresse... Era fraco, talvez não aguentasse nem o peso dos quatorze anos do Gato. E apertava a navalha que levava na blusa (AMADO, 2008, p.36)

O garoto espera longos dias por uma oportunidade para conquistar Dalva, até que um dia ela pede um favor a Gato, “Tu quer me fazer um favor? Te dou uma coisa”(AMADO,p.37) .O garoto só não imaginava que este favor seria para enviar uma mensagem para seu amante, mas por curiosidade ele descobre que o malandro está com outra, ao conta para Dalva, ele consegue o que tanto esperava, ficar com ela.

Tá com outra, não é? Mas meu Senhor do Bonfim há de fazer com que os dois fique entrevado. Senhor do Bonfim é meu santo. Foi até onde estava o quadro do santo. Fez a promessa e voltou.

-- Guarda teu dinheiro. Tu ganhou direito. O Gato repetiu: -- Senta aqui. Desta vez ela sentou, ele a pegou e a derrubou na cama. Depois que ela gemeu com o amor e com os tabefes que ele lhe deu, murmurou:

-- O frangote parece um homem...Ele se levantou, endireitou as calças, foi até onde estava o retrato do flautista Gastão e o rasgou. -- Vou tirar um retrato pra tu botar ai. A mulher riu e disse: -- Vem, bichinho bom. Que malandro não vai sair dai! Vou te ensinar tanta coisa, meu cachorrinho.Fechou a porta do quarto. O Gato tirou a roupa (AMADO,2008, p.38)

Agora não junta-se a noite com os capitães, para dormi no trapiche, dorme com Dalva, mas ao amanhecer volta para seus companheiros, para realizar os ganhos do dia, ganha dinheiro também com os assaltos, junto ao grupo, e no jogo onde demonstra ser um ótimo jogador, “Por isso o Gato sai toda meia-noite e não dorme no trapiche. Só volta pela manhã para ir com os outros para as aventuras do dia” (AMADO, 2008, p.39)

Mais tarde gato torna-se cafetão de Dalva, tinha o dom da elegância malandra, que está mais no jeito de andar, de colocar o chapéu e dar um laço despreocupado na gravata que na roupa propriamente”. (AMADO, 2008, p. 39).

4.7 O Professor

Sabia ler e passava as noites lendo livros à luz de vela. Algumas vezes ele lia as histórias para os outros do grupo ou então criava as suas próprias narrativas a partir do que lia, era considerado um dos mais inteligentes do grupo. Ele alimentava um amor por Dora a garota de Pedro Bala.

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tomara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem muitas noites, contava às outras histórias de aventureiros, de borne do mar, de personagens heroicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só esteve na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heróico das suas vidas. (AMADO, 2008, p.25)

Amado, ao da vida ao personagem, João Jose o Professor, faz com que leitor enxergue a falta de oportunidade que aquele menino não teve na vida. Apesar que nenhum dos capitães tenha tido privilégios, pois a vida desde muito cedo se mostrará dura, sofrida e crua. Contudo, ele ao contar suas histórias aos meninos que viviam ali naquele trapiche, dava asas a fantasia e sonhos a quem pouco tinha com que sonhar.

João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só esteve na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do

heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. (AMADO, 2008, p.26).

Muitas vezes os capitães levam jornais para ele ler para eles, já que era o único que lia corretamente. Ele representa a exceção dentro do grupo, um menino pobre, que estuda e se torna um pintor de renome rompendo certo determinismo social presente na obra.

Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. [...] o treino diário da leitura despertara completamente sua

imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope (AMADO, 2008, p. 30).

O professor é o mais inteligente do grupo, por meio dos livros e seus desenhos consegue refletir e analisar a miséria em que vivem e tem de fazer aqueles meninos refletirem também tendo assim uma visão maior do problema. Ele consegue levar ao mundo essa denúncia social em forma de arte, em seu destino final consegue fazer isso.

Ninguém sabia, no entanto, que um dia, anos passados, seria ele quem haveria de contar em quadros que assombrariam o país a história daquelas vidas e muitas outras histórias de homens lutadores e sofredores. (AMADO, 2008, p. 32-33)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capitães da Areia traz ao leitor a possibilidade de reflexão sobre as injustiças sociais com as quais aquela minoria retratada na obra enfrentava diariamente. Esse cenário é construído no sofrimento social, histórico e econômico que surgem a partir da indiligência não só das entidades políticas como também da própria sociedade civil. Como resultado das circunstâncias as quais são submetidos, tornam habitual diversas práticas cotidianas transgressoras na busca pela sobrevivência, enfrentando as autoridades constituídas e trapaceiam as rígidas relações de poder de um arranjo social injusto e desigual.

A obra conta a histórias de crianças que vivem nas ruas de Salvador, levando o leitor a dialogar com a vivência de inúmeros jovens que vivem a mesma situação no Brasil. Além disso, embora o enredo se passe na década de 30, são vivências que estão no contexto atual de diversos brasileiros, evidenciadas na dicotomia socioeconômica trazida com o sistema capitalista. Seus personagens centrais são menores de idade que são vistos como criminosos, e tratados como tais, deixando de lado a ideia de serem apenas crianças que só querem ser iguais as demais, brincar, ter um lar. Essas vozes eclodem através dos personagens do romance.

Embora o próprio Estado afirme que os direitos são iguais para todos, Amado mostra que a sociedade é desigual, o sistema é opressor e negligente, criando uma divisão de classes sociais na mesma proporção que gera o abono, pobreza, a orfandade e conseqüentemente a marginalidade como conseqüências diretas. É nesse contexto que a realidade socioeconômica vivenciada pelos *Capitães da Areia* é apresentada, realidade de crianças cuja infância é arrancada. Assim, Amado dá voz aos subalternos, mostrando suas realidades através dos olhos daqueles que vivenciam e sofrem. Ele evidencia o reformatório, a cadeia, as ruas, os cenários onde a marginalidade não era escolha, e sim sobrevivência. Porém, aos olhos daqueles que não compartilhavam da mesma situação, essas crianças não passavam de marginais que ameaçavam a tranquilidade da sociedade.

O descaso social com os meninos é algo pertinente no romance tornando-se a tônica do enredo, em cada história dos personagens é possível notar o abandono que todos eles sofreram e sofrem, assim Jorge Amado revele cada personalidade e como cada uma é construída através das suas ambições e frustrações, os capitães são vistos como opressores e não como oprimidos. Os capitães são duplamente órfãos da família e do estado, os órgãos que deveriam ampara-los a imprensa, a justiça até a própria igreja. São meninos homens, bandidos heróis, e Jorge Amado justifica isso ao mostrar a trajetória desses meninos, que vivem em um mundo que nega; saúde,

comida, afeto, princípios para ter uma vida digna, são bandidos com causa, heróis da sua própria existência.

Por fim, Jorge Amado, em sua genialidade, faz da literatura um mecanismo de denúncia, capaz de instigar o leitor a indagar a realidade a qual está inserida cada criança daquele trapiche, traçando um paralelo com a realidade não só baiana, mas de todo país, tudo isso ao mesmo tempo que critica as autoridades responsáveis. Mas não apenas isso: o leitor também é levado a questionar o papel do Estado na promoção e cumprimento dos direitos infantojuvenis, na superação da subalternidade, o acolhimento pela sociedade, entre tantos outros aspectos.

Aqui, a obra torna-se capaz de emergir a simetria do real, aqueles meninos que viviam no trapiche buscando por sobrevivência, que eram jogados pela situação em que viviam, situação esta que era propiciada pelo meio e pela própria sociedade. Os capitães hoje são vistos através dos meninos que vivem nas ruas, nas favelas com armas em punho em pontes, lixões, compartilham do mesmo desejo ter uma vida digna à espera de uma solução ou a mínima possibilidade de mudança em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. A obra literária como texto etnográfico: notas sobre Meninos de Rua e Feminilidade em Capitães da Areia de Jorge Amado. Universidade da Amazônia, 2012.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BUENO, Luís. Os três tempos do romance de 30. **Revista Teresa (USP)**, São Paulo, v. 3, p. 254-283, 2002.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- Candido, Antonio *apud*. Ana Paula Palamarechuk. In: Chalhoub, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). Jorge Amado: um escritor de Putas e vagabundos? A História Contada - **Capítulos da História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CASTELLO, José. Jorge Amado e o Brasil. **O universo de Jorge Amado: caderno de leituras, São Paulo: Companhia das Letras**, p. 10-21, 2009.
- ELIA, Silvio. **Língua e Literatura**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
- KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2 ed. São Paulo: Atira, 2000.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas, **A Militância política na obra de Jorge Amado – 2009**, p.25).
- SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Lucas Trindade da. **Uma análise comparativa dos conceitos de subalternidade e racialidade**. *Temáticas*, Campinas, 23, (45/46): 127-154 fev./dez. 2015.